

sam a vida de cada um desses povos e sua capacidade de resistência através dos tempos. Estiveram representados grupos Kayapó e Tupi da Amazônia; grupos Timbira de Goiás e Maranhão; Yanomani de Roraima e Amazonas; grupos Karib do Parque Indígena do Tumucumaque; Bororo de Mato Grosso; Guarani de São Paulo e Pataxó Hã Hã Hã do sul da Bahia.

Uma outra exposição homenageava o médico indigenista Rubens Belluzzo Brando, falecido no final de 82. A homenagem a Rubão, como era conhecido pelos índios e por todos os que tiveram o privilégio de com ele conviver, mostrava o seu próprio material fotográfico sobre os índios junto aos quais trabalhou: os xinguanos e os Xavante, no tempo de sua formação acadêmica na Escola Paulista de Medicina; os Guarani do Estado de São Paulo, no tempo de sua residência no Departamento de Saúde Pública do Estado de São Paulo, quando elaborou um "Diagnóstico de Saúde das Populações Indígenas do Interior de São Paulo"; os Yanomani da Amazônia, entre os quais morreu no dia 14 de dezembro de 1982, vítima de um acidente de helicóptero, quando se dirigia a uma aldeia distante, em trabalho de vaciação. Rubão foi fundador e vice-presidente da Comissão Pró-Índio de São Paulo e membro da Comissão Pela Criação do Parque Yanomani. A abertura de ambas as exposições contou com uma palestra da Prof^a Lux Vidal, da USP, presidente da Comissão Pró-Índio de São Paulo. Foram visitadas por um público estimado em 6 mil pessoas, que tiveram também a oportunidade de assistir a uma programação visual que incluiu os filmes "Índios: Direitos Históricos", de Herculano Penna e "Terra de Índios" de Zelito Viana, uma série de dezesseis programas em video-cassete, projetados no "telão", relativos às sociedades indígenas no Brasil e sua problemática atual, por realização da Fundação Padre Anchieta e com a apresentação de Aracy Lopes da Silva. Para as crianças foi projetado o audio-visual "a criança na comunidade indígena", da Comissão Pró-Índio. Um número significativo de escolas trouxe seus alunos de primeiro grau para que assistissem à programação visual e participassem de sessões de perguntas e respostas com os próprios índios, com antropólogos que realizam pesquisas junto a sociedades indígenas e com membros das entidades de apoio à causa indígena.

Encerrando a Semana, houve, no dia 23 de abril, um debate com a presença do deputado federal Mário Juruna, dos representantes das comunidades indígenas presentes e dos membros da coordenação nacional da União das Nações Indígenas. O debate foi organizado pelos coordenadores regionais da UNI, Álvaro Doethiro Tukano e Ailton Krenak. No domingo, um show musical, do qual participaram os índios Bororo e artistas ligados à MPB e à música latino-americana, marcou o fim das comemorações da Semana do Índio de 1983 em São Paulo. (ALS).

*

DOCUMENTÁRIOS ETNOGRÁFICOS EM VIDEO-CASSETE SOBRE OS ASURINI E ARAWETÉ

Quatro filmes documentários sobre aspectos da vida dos Asurini e dos Araweté, realizados sob a orientação da Prof^a Berta G. Ribeiro, do Museu Nacional (U.F.R.J.), são acrescentados à filmacoteca sobre índios brasileiros.

Os documentários intitulam-se:

Asuriní: Fuso e Fio	(cerca de 15 minutos)
Asuriní: Barro e Corpo	(cerca de 18 minutos)
Araweté: A Índia Vestida	(cerca de 15 minutos)
Araweté: Técnicas Primitivas	(cerca de 12 minutos)

Os três primeiros correspondem à esfera feminina da cultura: a manipulação do algodão e do barro e a pintura do corpo. O quarto documentário registra o uso entre os índios Araweté de um implemento primitivo — o formão com dente de cotia — para trabalhar a madeira do arco e a taquara das pontas de flechas, bem como a produção do fogo pelo atrito de duas varinhas.

A tecnologia do fio e sua transformação em tecido foi estudada entre os Asuriní e Araweté. A manufatura da cerâmica foi registrada somente entre os Asuriní. Nessa mesma tribo foi documentada a utilização do corpo como principal objeto de decoração. Ou seja, o campo em que a arte gráfica é exercitada em sua plenitude. Em função da pintura corporal, a identidade étnica asuriní se torna inconfundível, da mesma forma como o uso da múltipla vestimenta feminina (que contrasta com a completa nudez masculina) singulariza a identificação tribal dos Araweté.

Filmado em Super-8, por Frederico F. Ribeiro, este documentário foi transcrito e editado em vídeo-cassete. Do original de duas horas e meia foram extraídas as quatro partes, totalizando cerca de 60 minutos.

A pesquisa de campo, abrangendo outros dois grupos tupi — Juruna e Kayabí — vivendo no norte do Parque Nacional do Xingu foi financiada pelo *National Geographic Society* (Washington) e a Fundação Nacional pró-Memória (SPHAN). O trabalho de gabinete foi auspiciado pelo Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Tecnológicas (CNPq) e o convênio "Etnografia e emprego social da tecnologia" FINEP/Museu Nacional, UFRJ. A edição em vídeo-tape foi feita no Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde — NUTES, Instituto de Biologia, UFRJ, por Antonio S. Ramos. A trilha sonora é de Joaquim Carlos de Paula com músicas asuriní e araweté gravadas em campo. (JBBP)

*

PRÊMIO CURT NIMUENDAJU

A 17 de abril de 1983 transcorreu o centenário do nascimento de Curt Nimuendajú. Nascido em Jena (Alemanha) e falecido numa aldeia tukuna do alto Solimões a 10 de dezembro de 1945, Curt Nimuendajú dedicou sua vida à defesa dos direitos dos índios e ao estudo de suas culturas.